

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 20 de maio de 2015

Textos de referência: Julián Carrón, Introdução dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2015; Luigi Giussani, Por que a Igreja, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 51-101.

- *The dimming of the Day*
- *Liberazione n. 2*

Glória

Carrón: Comecemos nosso trabalho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade junto com o que faltava do capítulo de *Por que a Igreja* que estávamos trabalhando e que, por tantos indícios e sinais, como vimos, tem muita relação com as coisas que dissemos em Rimini. Recebi uma carta falando sobre o tema da Ressurreição, que foi o tema central da Introdução. “Caro Carrón, em vista da próxima Escola de Comunidade, faço uma pergunta que já coloquei no meu grupo, sem encontrar resposta. É sobre a Ressurreição. Com toda a minha boa vontade, a Ressurreição continua sendo, para mim, um conceito realmente abstrato e vago. Depois dos Exercícios, ficou na minha cabeça aquilo que você disse, quer dizer, que somente graças à Ressurreição podemos responder à pergunta: verdadeiramente, vale a pena ter nascido? Porque sempre me coloco essa pergunta sobre o sentido e, uma vez que eu quero poder responder, me interessa entender o que é a Ressurreição, me interessa que não permaneça algo abstrato. Então, como realmente não entendo a Ressurreição e vejo que vivo como se ela não tivesse acontecido – tanto que eu tenho medo da morte –, pergunto, para que eu possa entender: o que a Ressurreição muda na sua vida? Como a sua vida seria sem a Ressurreição? O que a Ressurreição muda na minha vida? Eu, de fato, me pergunto: se Jesus não tivesse ressuscitado, eu não teria uma família, não trabalharia – como todos fazem –, não buscaria satisfação naquilo que faço? E então? Ressuscitado ou não ressuscitado, o que muda? Coloco a pergunta de forma negativa porque se a coloco de forma afirmativa parece que as respostas são todas incompreensíveis... Por exemplo, na minha Escola de Comunidade me disseram que o cristianismo existe graças à Ressurreição, porque os discípulos tinham se perdido apenas três dias depois da morte de Jesus. Mas eu digo: muitas religiões continuam no tempo! Também me disseram que graças à Ressurreição as coisas têm um sentido. Mas eu digo: de qualquer modo, eu teria um marido, filhos a quem amo, amigos, um trabalho do qual gosto e um desejo de viver. Espero que seja possível responder a essas perguntas”. Agradeço por nossa amiga ter colocado essa questão, porque é dirigida a todos. O que cada um de nós responderia, a partir da própria experiência? A Ressurreição é concreta (e não apenas um conceito abstrato e vago)? Outra pessoa coloca o mesmo problema de maneira diferente: “Diante da obstinação de alguém que faz o mal, o que a misericórdia pode fazer? De que vitória se trata se, no fundo, não consegue mudar nada?”. A essa pergunta, obviamente, não pode ser respondida com reflexões teóricas porque quem fez a pergunta perceberia as respostas como conceituais e inadequadas. O fato de emergir uma pergunta assim é um bem para todos porque obriga cada um a ver qual experiência faz da Ressurreição.

Colocação: *Comecei a trabalhar há dois meses como enfermeira. Desejava poder ir aos Exercícios, mas num determinado momento ficou claro que não seria possível, nem trocando meu turno, nem de modo algum. Falando com um amigo, ele logo me disse: “É evidente que você deve ficar trabalhando. Vamos ver o que há para descobrir, a partir de hoje, na espera por esses dias”. Diante da sua posição, tão razoável e simples, vi-me olhando para esse fato de uma maneira completamente diferente: eu desejo tudo já, nesse instante, desejo encontrar-Te agora. E aconteceu a mesma coisa durante o jantar com algumas amigas na quinta-feira anterior aos Exercícios. Diante delas, era impossível dizer que Jesus estava se esquecendo de mim. Porém, na manhã seguinte acordei às cinco e meia da manhã e estava cansadíssima, não queria levantar. Mas*

precisava, então levantei, corri para o hospital e, ali, as minhas colegas estavam completamente sem vontade de trabalhar, o departamento estava uma loucura. Então, comecei a preparar os remédios dos pacientes antes de entrar nos quartos; um pensamento me incomodava: como faço para dizer que tudo isso não é um “a menos” em relação àquilo que está para acontecer em Rimini? Dentro daquela dor, vieram os rostos daquelas amigas verdadeiras que havia encontrado na noite anterior, a saudade de Cristo, ou seja, aquele olhar único que me define. Então, comecei a entrar nos quartos com essa agitação no coração e me vi amando meus pacientes, meus colegas e aquela loucura de departamento. Mas o fato que mexeu mais comigo foi estar diante de um paciente que me agredia porque, sem avisá-lo, o médico tinha mudado seu tratamento e ele, com razão, pedia explicações. Eu o ouvi até que se acalmasse e, depois, começamos a tentar entender porque o tratamento tinha sido mudado e, quando o médico chegou, também entrou na discussão. Quando saí do quarto, minha colega olhou para mim e disse: “Desculpa, ouvi do corredor o que aquele paciente disse, e você está com essa cara! Como é possível? Esperava encontrar você destruída ou, pelo menos, que saísse do quarto logo depois. Ele não merece o seu tempo. Sabe, às vezes me pergunto por que faço o meu trabalho com tanto empenho se, depois, no fundo, não se recebe nada em troca. Então, tanto faz fazê-lo sem amor”. Minha colega me desconcertou, porque a sua questão era verdadeira, e eu me perguntava: por que, de repente, tudo pode se tornar “para mim”? Por que a realidade, mesmo quando não é atraente, mesmo quando está muito distante do belo, pode se tornar a coisa mais querida do mundo? Por que é possível amar? Começando a trabalhar sobre a Introdução dos Exercícios, fiquei impressionada quando você fala da Ressurreição no olhar. De fato, aquela fenda que silenciosamente tornou-se grande no meu coração enquanto começava a trabalhar, aquela saudade de Jesus, a saudade daquelas amigas, é a vitória de Jesus na minha vida. A verdade da realidade é Cristo ressuscitado. A verdade do meu departamento agitado, da minha colega, do meu paciente, é aquele olhar que entrou na minha vida e feriu meu coração para sempre, a tal ponto que posso me levantar sem vontade e, no entanto, volta a me fazer falta. O que define a realidade não é a sua aparência, mas o meu olhar habitado por Jesus; e a realidade é o lugar desse Mistério que me convida a encontrá-Lo a cada instante. Naqueles dias em que trabalhei, durante os Exercícios da Fraternidade, lembrei-me várias vezes da sua saudação aos meninos dos Colegiais no fim do Tríduo: nossos aliados são o coração e a realidade. Gostaria de sempre trabalhar do modo como trabalhei naquele fim de semana e gostaria de viver os Exercícios do modo como aconteceu naqueles dias, mesmo estando num hospital ou agora, quando sou devorada pelos compromissos. Não há nenhum pesar no meu coração, porque aqui havia tudo de que meu coração precisa. E agradeço porque o sacrifício de ficar aqui fez recontar o amor a esse caminho e a essa companhia com um frescor novo que não sai mais dos meus olhos.

Carrón: Obrigado. Às vezes, os outros percebem mais do que nós qual é a novidade que a Ressurreição introduz na vida, como a sua colega que, diante do modo como ela tratou o paciente, diz: “Como é possível? Achei que ia encontrar você destruída ou que, pelo menos, teria saído do quarto logo depois”. No entanto, ela está ali de pé, contente. Vemos muitos desses episódios, ouvimos pessoas contarem muitos fatos desse tipo quando conversamos em nossos almoços ou em um grupo de amigos. Leio um deles, que vocês poderão encontrar depois em *Passos* e que é sobre nossos amigos perseguidos. “Um homem de Mosul me contou”, diz padre Douglas, do Iraque, “que quando a ISIS chegou na cidade, seu vizinho muçulmano foi bater em sua porta dizendo: ‘Você precisa ir embora e eu ficarei com a sua casa. Se não for eu, um outro vai tomá-la. Se você estiver aqui amanhã, mato você’. O homem se prepara para partir, faz as malas, coloca a família no carro. Mas, antes, vai até a casa do vizinho e bate na porta. ‘Não disse que iria matar você?’. E o cristão responde: ‘Somos vizinhos há trinta anos, não queria ir embora sem me despedir’. O muçulmano começa a chorar: ‘Não vá, fique. Eu lhe protegerei’. O outro responde: Não, éramos vizinhos. Agora não somos mais. A confiança foi quebrada”. Antes de ir embora passa para se despedir daquele que prometeu matá-lo. Isso é um fato concreto ou um conceito vago? Os *Atos dos Apóstolos* estão cheios de episódios como esse, a nossa própria história está repleta deles: na modalidade com a qual estamos juntos, na modalidade com a qual em tantas ocasiões se enfrenta a

doença, na modalidade com a qual alguém vive quando perde o trabalho, na modalidade com a qual a pessoa enfrenta o cotidiano, na modalidade com a qual a pessoa se levanta de manhã, são muitos, muitos os fatos. Não é que falte essa abundância de fatos, mas, por que não fazemos a conexão com a Ressurreição? De onde nascem todos esses fatos? É como se nos encontrássemos na situação que descrevi na Introdução: no dia de Pentecostes os discípulos se comportavam daquele modo porque estavam bêbados? Era essa a razão da sua “novidade”? O que é preciso para que possamos reconhecer a Ressurreição nos fatos, e não apenas como repetição de um conceito, no fundo, vazio? Isso nos mostra o trabalho que cada um deve fazer. Não é que não aconteçam muitas coisas, mas normalmente nós as damos por certas, como se fossem óbvias, até que a pessoa é acometida por uma doença, até quando fica sem trabalho, se vê sozinha ou a família vai pelos ares, então começa – talvez – a dar-se conta de que muitas coisas não eram assim tão óbvias e começa a entender em que consiste a Ressurreição. Mas, como dizia Dom Giussani (citei isso durante a Assembleia), não é tanto uma reflexão teórica que nos ajudará, mas se começarmos a perceber que é preciso o trabalho do qual falávamos nos Exercícios; uma pergunta como essa sobre a Ressurreição nos mostra o alcance do trabalho a ser feito. Como vocês veem, nem mesmo a afirmação mais extraordinária da fé cristã, quer dizer, aquela sobre a ressurreição de Cristo, se impõe simplesmente por si, e não basta a sua repetição formal para que se torne crucial para a vida. Por isso, Dom Giussani, que conhecia bem a nossa situação histórica, dizia que não entendemos mais as palavras cristãs, e Ressurreição é uma das palavras-chave da fé. Nem mesmo nós, que continuamos a ter um relacionamento com o fato cristão, a compreendemos mais. Imaginem para os outros, por exemplo, os chineses. Para um chinês, a palavra “ressurreição” é algo absolutamente fora de qualquer possibilidade de verificação. Dom Giussani afirma: “A fé não pode enganar [A fé não pode enganar!], não pode dizer a você: ‘É assim’, obtendo sua aprovação [...] gratuitamente. Não! A fé não pode enganar porque está de algum modo ligada à sua experiência: no fundo é como se ela precisasse estar no tribunal onde você é juiz através da sua experiência” (L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milão 2010, p. 300). Insisto: não é que não ouvimos milhares de testemunhos ou que não tenhamos visto nada, mas isso não basta. Se a pessoa não faz experiência pessoal, nem mesmo o estar juntos basta, porque a pessoa pode participar de uma companhia e dizer que é vago. Se o estar juntos não estimula mais ao trabalho que Dom Giussani nos indica, se não é um convite constante à verificação, nós não encontraremos resposta às nossas perguntas. Deve “estar no tribunal onde você é juiz através da sua experiência”, diz Giussani. Porém, “você também não pode se enganar, porque para poder julgá-la precisa usá-la [não pode repetir como uma frase vazia. Não, deve julgar, deve usá-la] [...], para poder ver se transforma a vida deve vivê-la seriamente; e não se trata de uma fé que nasce de uma sua interpretação, mas a fé como lhe foi transmitida, a fé autêntica. Por isso, o nosso conceito de fé tem um nexos imediato com as horas do dia, com as coisas cotidianas da nossa vida [se não vemos aí o que é a Ressurreição, ninguém poderá nos convencer. E dá um exemplo:] [...] Se ao se apaixonar por uma moça [não consegue, num certo momento, ver como] [...] a fé muda esse relacionamento [pensemos nas coisas que a primeira carta que li esta noite nos dizia: o relacionamento com o marido, o trabalho, os filhos; se você não vê de que modo a fé muda a vida, tornando-a melhor] [...], se você nunca pôde dizer: “Olha como a fé torna a minha vida mais humana”, se você nunca pôde dizer isso, a fé nunca se tornará uma convicção e [...] nunca vai gerar nada, porque não tocou o seu eu mais profundo” (*idem*, pp. 300-301). Então, é preciso responder a essas perguntas verificando aquilo que nos é proposto. Mas para poder fazer a verificação, preciso abrir-me a essa possibilidade porque se não me abro à possibilidade de levar a sério que Cristo ressuscitou, diante de uma doença ou diante de uma situação do trabalho, ou diante da solidão, ou diante do anseio que carrego, começo a ver que alguns vivem esse desafio de um certo modo e eu, de outro. Identificar essa diferença é um problema de atenção, para que eu me dê conta disso é preciso ter uma bússola, um *detector*, porque, senão, como vocês veem, tudo se torna igual. Mas se tudo é igual – atenção para o alcance que isso tem para a vida –, desmorona a razão pela qual Dom Giussani criou o Movimento, ou seja, mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida. Se não vemos essa pertinência, que interesse a fé terá para nós? Exatamente por isso começamos o trabalho sobre os Exercícios. Também recebi uma

segunda pergunta sobre a Ressurreição: “Como você pode dizer que aquilo que documenta a verdade, ou seja, a realidade, daquilo que celebramos na Páscoa é o nascimento de um povo?”. Nos Exercícios, de fato, para mostrar que aquilo que celebramos na Páscoa não é apenas um rito, não é apenas uma devota lembrança, mas a consistência real de um fato, sublinhei que a documentação mais evidente disso é o nascimento de um povo. Continua a carta: “Assim que li essa frase, fiquei surpresa, porque se penso no desejo infinito que tenho, nunca pensaria que um povo pudesse ser a resposta”. Não dissemos que o povo é a resposta! Veem como se muda a interpretação? Dissemos que o povo é o sinal do fato de que muitos encontraram a resposta no Ressuscitado e que aquele povo não existiria sem a Sua ressurreição. “Tomé, venha aqui, coloque os dedos”, “Pedro, tu me amas?”, “Maria Madalena!”, “Maria, acorde!”. Um a um. Não é que, como estavam sós e perdidos, se juntaram e daí tenha nascido aquele povo como resposta à necessidade que tinham. Não! Aquele povo encontrou a resposta no encontro com Cristo ressuscitado e começaram a viver de um determinado modo. Aquele povo que encontra a resposta em Cristo documenta a verdade daquele evento que não podemos alcançar a não ser através dos efeitos que produz. Porque ninguém foi testemunha da ressurreição de Cristo no momento em que aconteceu. Os discípulos colocaram-No no sepulcro e, quando voltaram, o sepulcro estava vazio. Ninguém O viu ressuscitar. Por isso, a ressurreição de Cristo é um evento muito particular, único. Não é como a “ressurreição” de Lázaro: uma reanimação do cadáver e, por isso, ele pode ser encontrado na rua. A ressurreição de Cristo é um evento único na história: um Homem que estava no sepulcro entrou no mundo definitivo; ressuscitou e vive para sempre, não como Lázaro que retorna à vida e, no entanto, deve voltar a morrer – seria uma magra consolação: prolongar a vida por um certo período, como a medicina pode fazer hoje em dia, adiando o fim por alguns meses ou anos –. A ressurreição de Cristo é um evento de uma natureza completamente diferente, do qual não temos uma testemunha imediata e direta. Reconhecemo-lo pelas Suas aparições e pelos sinais que o Ressuscitado deu aos apóstolos, e que eles testemunharam. Por que os apóstolos não nos enganaram inventando a ressurreição de Cristo? Como a objeção feita nos Evangelhos: será que não roubaram o corpo de Jesus? Tudo o que nasceu depois da Sua crucificação seria impossível se Cristo não tivesse ressuscitado. Por isso, para a próxima Escola de Comunidade, retomaremos o primeiro capítulo da segunda parte de *Por que a Igreja*, no qual Dom Giussani responde a essa questão: como se explica o fato de que a Igreja, desde o início, se coloca na história como a continuação de Jesus Cristo, e que nexos há entre a Ressurreição e essa continuidade na história? O povo não é a resposta, porque a única resposta que a fé cristã oferece a cada membro do povo é Cristo ressuscitado, não é a “companhia utópica”, a companhia não é a resposta à necessidade do homem, porque todos devemos morrer; a companhia, a Igreja, é o lugar onde se confirma que Cristo ressuscitou, porque senão, nós não estaríamos aqui. Entender isso é decisivo. Outro de vocês escreve: “O que documenta a verdade, isto é, a realidade, daquilo que celebramos na Páscoa? Só um fato: o evento de um povo, como aquele que vimos na Praça São Pedro’ [está citando os Exercícios, pp. 7-8]; Não! Não concordo. Dez pessoas, ou um milhão, não confirmam ou desmentem nada”. Concordo totalmente. E o que se pode concluir com isso? É um modo de raciocinar sem pé nem cabeça! O problema é: que tipo de pessoas são aquelas reunidas em Roma e o que documentam. É claro que se não fazemos aquilo que Giussani nos disse tantas vezes, isto é, um trabalho “sobre o instrumento do pensamento”, sobre o modo como raciocinamos, sobre como estamos diante da realidade, nem mesmo as coisas mais evidentes poderão nos convencer de alguma coisa. E, depois, dizemos “não!”. Escutem o que diz Dom Giussani: “A Igreja se coloca na história, antes de tudo, como relação com o Cristo vivo. [...] Uma devota lembrança [relaciona algumas das possíveis interpretações desse núcleo de pessoas que se chama ‘Igreja’], entretanto, não poderia manter unido aquele grupo em condições tão difíceis, hostis, nem mesmo se fosse sustentado pelo desejo de difundir o ensinamento do Mestre [como se a Igreja fosse um tipo de círculo platônico]. Para aqueles homens, o único ensinamento que não podia ser colocado em discussão era o Mestre presente, Jesus vivo. E foi exatamente isso que transmitiram: o testemunho de um Homem presente, vivo. [Podemos pensar que estão nos enganando ou que dizem a verdade, mas o que é certo é que todos os documentos do Novo Testamento, do primeiro século, escritos em grego, são o testemunho de um grupo de pessoas que

dizem que um Homem, amigo deles, que tinha sido colocado num sepulcro, agora vive, e sabem perfeitamente distinguir o que significa dizer ‘Lázaro vive’ e ‘Jesus ressuscitado vive’; não se confundem!]. O início da Igreja é precisamente esse grupo de discípulos, essa turminha de amigos, que após a morte de Cristo permanece junto do mesmo modo. Por quê?” (L. Giussani, *Por que a Igreja*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, p. 108). Cada um deve encontrar uma resposta para isso. Pensemos no exemplo que Dom Giussani faz em *O senso religioso*: se esta noite uma de vocês chega em casa e encontra sobre o criado uma lindo maço de flores, deve dar uma razão para aquela presença. Vai perguntar a alguém que está em casa: “Quem me trouxe essas flores”. Por que pergunta se vê só as flores? Por que tem certeza de que há um ‘quem’, se não o vê? É possível fazer mil interpretações, mas até que não encontra uma explicação adequada da presença das flores, não se tranquiliza. A mesma coisa acontece com a Ressurreição. Aquelas pessoas começam a viver uma determinada vida, o maço de flores é nada em relação à novidade de vida que documentam. “Por quê? Porque Cristo ressuscitado Se faz presente no meio deles” (*idem*, p. 108). Alguém não gosta dessa interpretação porque é uma interpretação cristã? De qualquer forma, a pergunta permanece. É como alguém que perguntasse: “Quem colocou aquelas flores ali?”, e lhe fosse dito: “Por que pergunta isso? Estão ali porque estão ali”: não ouviria isso como uma resposta adequada à pergunta. Não basta uma resposta qualquer. Se você não concorda que Cristo ressuscitado se fez presente no meio deles, a pergunta permanece tal e qual, dois mil anos atrás como hoje. Porque aqueles que vivem em Cristo e reconhecem Cristo ressuscitado vivem uma determinada vida e estão juntos de um determinado modo. Por quê? Giussani continua: “Cristo permanece na história [...] com o rosto histórico, vivo, da comunidade cristã, da Igreja. Com a sua existência e com o seu testemunho, aqueles primeiros discípulos, aquela turminha de amigos, transmitem-nos que Deus não desceu à terra num instante, [...] [mas que] veio [...] para permanecer no mundo”. Tudo o que está escrito nos *Atos dos Apóstolos* “testemunha simplesmente uma presença familiar que continua” (L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 108-109). No entanto, muitos escreveram sobre o que lhes aconteceu nos Exercícios: não sabem explicar por quê, mas voltaram para casa diferentes, retomaram a vida de um modo diferente e podem enfrentar as circunstâncias da vida de um modo diferente. Isso, a presença na história de pessoas mudadas, e do povo ao qual pertencem, essa realidade não do passado, mas do presente, será o que continuamente desafiará a razão e a liberdade de qualquer um que a encontre. Se alguém encontra pessoas para quem a ressurreição de Cristo é um fato, se colocará a pergunta que está no início dos *Atos dos Apóstolos*, hoje como há dois mil anos, como vimos no vídeo *A bela estrada*. Portanto, para poder entender isso, o que é necessário?

Colocação: *Preciso lhe contar, agradecendo, o que levei para casa dos últimos Exercícios da Fraternidade. Embora percebendo o contragolpe da exortação do nosso responsável, que reforçava que deveríamos pedir tudo neste gesto, há algumas semanas experimentava aquela posição que você citou muitas vezes: não entenderemos nada se não estivermos abertos a compreender. Cheguei ao gesto sem essa abertura, embora dentro do abraço feliz e amigável da minha companhia, aceitando, lá no fundo, a ideia de que, tudo somado, levaria para casa alguma coisa de bom, mas certamente nada de definitivo. Agora, ouça o que me aconteceu. Começo dizendo que já tenho 54 anos e que participo do Movimento há muito tempo (frequentei o grupo dos universitários, em Pisa), sou casado, tenho um filho, e trago nas costas todas as feridas adquiridas no curso de uma vida, mas há uma que me persegue e que acabou acontecendo novamente exatamente naquele sábado à noite deixando-me num estado de profunda prostração, desmoralizado, não tanto pela minha incoerência mas pela desproporção abissal, intransponível entre o caminho de conversão ao qual sou chamado e o ponto em que me encontro. Tanto que na manhã seguinte, como a ferida ficou muito evidente, no café da manhã, pelo menos duas pessoas, percebendo, se aproximaram de mim perguntando se eu estava bem e eu respondi, balbuciando, um sim, mas sem coragem de olhá-las nos olhos. Participei da Assembleia no domingo de manhã praticamente com a mesma atenção de uma ameba. Fiz a viagem de volta adormecido, como na canção de Guccini. Embora em casa eu tenha falado sobre a beleza do gesto, minha mulher, que me conhece, logo entendeu que nem tudo tinha ido bem mas, exatamente porque me conhece, julga*

simplesmente que o que me incomodava era algum tipo de “bobagem” e, aborrecida, deixa para lá. Na segunda-feira, entrei no escritório com esse peso e não consegui deixar de julgar pragmaticamente todo o acontecido. Em um prato da balança está a sugestão, mesmo deformada se quiserem, do meu mal. E no outro? O que coloco no outro prato? A sugestão, talvez exagerada, de um belo gesto? Então, a minha estrutura humana, o olhar que tenho sobre mim é a soma algébrica de duas sugestões? Mas a Sua presença, a Sua presença viva e experimentável é outra coisa. É outra coisa. E é disso que eu preciso. Então, não sei como explicar – como agora –, fui tomado de tal forma pela comoção, que comecei a chorar, e senti uma gratidão imensa pela nossa história, pela verdade da dinâmica, retomada pelo Santo Padre, através da qual o Mistério chega para me tomar exatamente lá onde eu não pensava possível, e citada por Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 2013, onde ele fala que “O Senhor permite os nossos erros e pecados como um modo estranho, mas é o mais dramaticamente produtivo, é o mais pedagogicamente eficaz para aprofundar o sentido da nossa relação com Ele. Somos tão tenazes no amor próprio que, sem a experiência do nosso limite, não diríamos com autenticidade: Deus, tu és tudo e eu sou nada”. (L. Giussani, em J. Carrón, “Quem nos separará do amor de Cristo?”, supl. De Passos, junho 2013, p. 51). É como se, à beleza e à solenidade do gesto, tivesse faltado, até aquele momento de juízo, a minha carne. E então vivi todo o dia atento, em tensão e contente pelas pessoas que tinha à minha volta. A primeira consequência foi que quando voltei para casa não pude deixar de responder à minha esposa, quando me perguntou: “como você está?”, “Muito bem”, olhando-a nos olhos e amando-a ainda mais. Isso, e pouco mais, foi o bastante para convencê-la a se inscrever nos Exercícios dos Trabalhadores. Agora, essa dinâmica não é minha, não é farinha do meu saco. Posso apenas aprendê-la, pedi-la. E esse é o único, o único lugar que encontrei que a torna possível, onde o meu tecido humano, quando se deixa abraçar pela presença d’Aquele que faz todas as coisas é gerado novamente. Um lugar assim é preciso ser sustentado. Não vejo outros motivos plausíveis para saldar o fundo comum que, até ontem, estava vazio como um poço sem fundo. Já providenciei o pagamento dos atrasados. Peço perdão, mas só agora ficou mais claro para mim o nível em que se joga a questão.

Carrón: Podemos participar de um gesto, como você diz, e não estar presentes. O que faltava à beleza do gesto era a sua carne. Quando a carne começa a estar presente, a pessoa começa a dar-se conta. E quando alguém O deixa entrar, quando se deixa abraçar pela presença d’Aquele que faz todas as coisas, como diz Dom Giussani, quem aceita isso, não irá aderir à fé sem motivos, isto é, sem razões, mas poderá fazê-lo vendo o que provoca na vida e, então, poderá decidir se é razoável ou não reconhecê-Lo, aderir. Por isso Dom Giussani nunca nos prometeu que seria automático, como Cristo não o fez, porque não seria digno do homem. É só uma presença que pede para ser acolhida com a simplicidade da criança da qual fala Giussani a propósito da Ressurreição; é “a inteligência da criança” que precisa ser recuperada para poder olhar as coisas de modo verdadeiro. “Chama-se ‘fé’ ” (J. Carrón, *Uma presença no olhar*, op. cit., p. 8).

Colocação: *Numa das últimas Escolas de Comunidade, falando sobre [a Audiência] em Roma, você usou uma expressão: Roma locuta, causa finita est, quer dizer, Roma falou, a causa está definitivamente encerrada. Essa expressão, esse juízo entrou em mim de repente e começou a trabalhar em mim seja em relação ao que aconteceu em Roma, seja em relação às coisas que pouco a pouco me aconteceram e tornou-se para mim o modo de olhar para as coisas exatamente como uma hipótese. E o que mais me tocou foi como...*

Carrón: Atenção! Assim que aceitou deixar entrar essa hipótese... Giussani nos propôs a fé como uma hipótese. Aquilo que era uma certeza sua, uma certeza da totalidade da Igreja, a ponto de se chamar “dogma”, propôs como hipótese de trabalho para nossa verificação, para que a verdade possa tornar-se evidente diante dos nossos olhos. Se não usamos essa hipótese, é impossível que se torne evidente, quer dizer, a hipótese encontra uma confirmação na verificação.

Colocação: *De fato, em mim, encontrou confirmação, porque desde que ela entrou teve, como dizia, um poder de incidência fortíssimo. Exemplifico um pouco como percebi, como dei-me conta de que esse Roma locuta teve poder de incidência. Porque percebi que em mim, a quebra sobre a*

qual trabalhamos começa... dou-me conta dessa quebra quando percebo que deforme a realidade que tenho diante de mim. Por exemplo, acontece em relação às pessoas quando percebo que deforme o outro olhando para ele a partir do que queira ver dele ou do modo como deveria ser o relacionamento com ele, enquanto, ao contrário, quando estou diante das coisas com essa posição de Roma locuta, isto é, por aquilo que sou, acontece em mim uma aliança com a realidade e é como se se abrisse uma possibilidade de empenho e de descoberta totalmente novos. Há várias coisas que identifiquei como introduzidas por esse olhar de Roma Locuta. Cito apenas as duas principais. A primeira é que esse olhar abre em mim uma passagem de consciência continua como percepção nova de mim, e também como possibilidade de me conhecer. Porque, por exemplo, vivi uma dificuldade onde me vi exposta de um modo insuportável para mim e onde, porém, estar diante dela com essa postura me fez lembrar de quem sou e, portanto, pude me conhecer. O segundo dado que registro é que quando tenho essa postura, quando entra esse juízo, cria-se como um fio condutor entre as várias coisas e dou-me conta das coisas reais, dos objetos que tenho em minha volta, dos matizes das palavras de quem está falando. É como se as coisas não fossem apenas contorno, mas adquirissem vida como se colocando em um horizonte unitário. Digamos que esses dados, no tribunal da minha experiência conforme você dizia antes, me convencem.

Carrón: Por quê?

Colocação: *Potentemente porque nenhum outro modo de olhar tem esse poder, nenhuma outra interpretação tem esse poder.*

Carrón: Nós podemos assumir como hipótese de trabalho a afirmação da Ressurreição ou a colocação do Papa, em Roma, (e depois de dito isto, as discussões eram inúteis), e isso fará emergir a verdade na experiência diante dos nossos olhos, ou podemos usá-la como bem nos aprouver. Porém, desse modo, nunca faremos a verificação daquilo que nos é dito, mas somente a verificação dos nossos pensamentos. E o resultado será aquele que tantas vezes vemos! O início do trabalho já nos fez identificar qual é a modalidade da verificação. Por isso, se não estamos tensionados a ver em quais situações, em quais fatos se documenta diante dos nossos olhos, na minha experiência ou na dos outros, que Cristo ressuscitou, e o que me fez perceber isso, mesmo que falemos da Ressurreição, não sobrá nada. A fé na Ressurreição não cresce repetindo um discurso sobre ela. A fé cresce, assim como cresceu a fé dos discípulos, vendo os sinais, vendo os dados pelos quais surgia e surge uma pergunta que não podiam e não podemos deixar de fazer: “Quem é Este?”. Isso os abria ao reconhecimento de que uma resposta qualquer não era capaz de dar uma explicação adequada daquele fato. Tanto ontem, como hoje. Isso pede, de nossa parte, o espaço de uma verificação na experiência. E nenhuma repetição formal, como vimos, nem sobre a Ressurreição, pode bastar porque pode se tornar algo vago.

Concluo com uma carta que introduz o Panfleto que preparamos para as Eleições Administrativas [na Itália]: *Começar de baixo. Envolver-se com o bem comum.* Alguns já começaram a usá-lo; um amigo nosso, que trabalhou com política, nos escreveu. Essa carta pode ajudar no trabalho que nos espera: “Permito-me lhe escrever porque sinto a necessidade de agradecer pelo Panfleto sobre as eleições administrativas que o Movimento lançou. Depois da amargura com que vivi o desfecho da experiência vivida como administrador da Região da Lombardia – que, apesar dos limites e dos erros, continuo achando que foi a tentativa mais concreta feita em nosso País para administrar uma realidade institucional complexa a partir do princípio de subsidiariedade, não apenas teoricamente afirmado, mas concretamente delineado –, esse chamado de atenção ao valor da boa política me fez reviver as razões profundas do início do meu trabalho como administrador local há quarenta anos, nas eleições administrativas de 1975. O meu sim de então à proposta que o Movimento me fez, em resposta a uma clara solicitação dos bispos, representou uma natural evolução, em um âmbito diferente, daquilo que durante anos tinha vivido na experiência da caritativa: a vida tem sentido como partilha das necessidades de quem o Senhor nos faz encontrar. Depois de tantos anos de vida política (agora não tenho mais nenhum papel na política, mas continuo trabalhando com instituições públicas) posso testemunhar com certeza que a política ou é forma de caridade ou torna-se um câncer que corrói a sua humanidade. Espero que também esse juízo que você ofereceu para nossa

reflexão contribua para fazer nascer uma nova geração de pessoas dispostas a colocar a própria vida a serviço do povo no âmbito da política ou das instituições públicas. Seria muito grave que, por um purismo mal interpretado, deixássemos tais âmbitos a quem, com menor ou maior capacidade de camuflagem ou mistificação, no fundo, procura somente o próprio poder ou o próprio benefício. Cordialmente”. Como vocês viram, o texto do Papa Francisco que está no Panfleto é realmente um convite a esse trabalho. Muitas vezes nos perguntamos o que podemos fazer: aproveitando as eleições administrativas, podemos começar a lançar uma possibilidade de diálogo com qualquer pessoa.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 17 de junho, às 21h30. Retomaremos a Introdução dos Exercícios junto com o início da segunda parte do livro *Por que a Igreja*, o capítulo intitulado: “A continuidade de Jesus Cristo: raiz da consciência que a Igreja tem de si mesma” (pp. 105-115), que contém a resposta à pergunta que surgiu hoje.

Vigília de Pentecostes. Como vocês sabem, o Movimento aderiu à proposta da CEI de participar da Vigília de Pentecostes, no sábado, 23 de maio, para rezar pelos nossos mártires de hoje e pelos cristãos perseguidos. É possível acompanhar as notícias e os testemunhos através das redes sociais, usando a hashtag #free2pray, útil tanto para saber as notícias como para a própria Vigília e para os encontros que estão sendo organizados, ou para conhecer as iniciativas e os testemunhos de fé viva que chegam das regiões mais feridas da terra. Em *Tracce* de maio há uma reportagem (do qual li, antes, um testemunho) dedicado aos cristãos perseguidos com histórias, testemunhos e contribuições que ajudam a entender a preocupação que o Papa continuamente nos coloca. Por esse motivo, propomos a todos uma difusão grande da revista no próximo final de semana. Em relação às vigílias, cada um se informe na própria diocese sobre quais são as propostas que a Igreja faz ou organize uma iniciativa, se não há nada programado.

Recomeçar de baixo. Envolver-se com o bem comum. Embora as eleições aconteçam apenas em algumas regiões da Itália, o Panfleto de CL é um instrumento para um diálogo sobre questões que consideramos decisivas para todos, não apenas para quem irá votar. Com o documento que preparamos, com o título “Recomeçar de baixo”, queremos oferecer um instrumento para um diálogo como ajuda a uma retomada ideal pelo bem comum, que em tantas ocasiões vemos ser pedido e desejado por tantas pessoas. O documento está disponível no site de CL. Propomos que distribuam aos amigos e conhecidos nos vários âmbitos da vida e o utilizem para eventuais encontros públicos.

Férias. Em relação às férias comunitárias, não as consideremos óbvias como se fossem um rito que se repete todos os anos. Perguntemo-nos: por que fazemos as férias? O que queremos comunicar? O que queremos viver juntos? Aproveitemos deste momento para comunicar algo da beleza e da letícia que encontramos para que as pessoas possam entender o que é a Ressurreição. O que você gostaria de mostrar a um amigo que participa conosco pela primeira vez? Do que gostaríamos que ele fizesse experiência? Então, os passeios, os testemunhos, a apresentação de um livro, uma conversa sobre algo que interessa, a Missa, as Laudes, o *Angelus* tornam-se ocasião na qual a pessoa pode ver o que são as férias, usando todo o tempo como paradigma da vida; as férias como uma modalidade de estar na realidade com a consciência, com o olhar sobre a realidade que nasce da fé.

Veni Sancte Spiritus